

49 - História de uma controvérsia

Tiroide ou Tireoide?

Joffre Marcondes de Rezende

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

REZENDE, JM. *À sombra do plátano: crônicas de história da medicina* [online]. São Paulo: Editora Unifesp, 2009. História de uma controvérsia: Tiroide ou Tireoide?. pp. 389-394. ISBN 978-85-61673-63-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

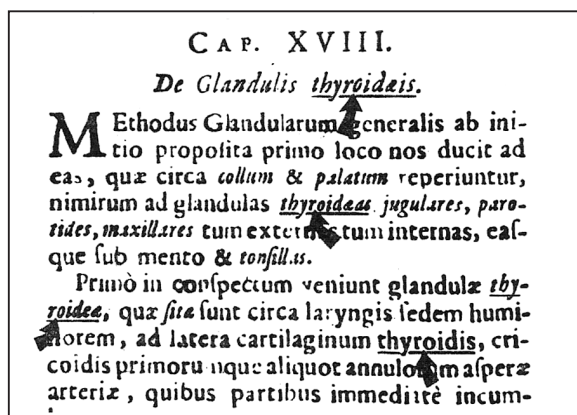


All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

*História de uma Controvérsia:
Tiroide ou Tireoide?**



Reprodução fac-similar do trecho original de *Adenographia*, de Warthon, onde se vê que foi usado o radical thyro- e não thyreo-.

A controvérsia quanto ao nome da glândula, se tiroide ou tireoide, é bem antiga e perdura até o presente.

Procurando analisar as razões desta controvérsia do ponto de vista histórico-filológico, chegamos à conclusão de que se pode defender qualquer uma das formas.

Na revisão da literatura, não encontramos qualquer referência a Aristóteles como o criador do nome da glândula. Além de não haver registro à pretensa autoria de Aristóteles nas obras por nós consultadas (Bailly, 1950; Liddell e Scott, 1983; Marcovecchio, 1993; Skinner, 1961, p. 404), também não há menção à glândula no seu tratado traduzido em latim por *De partibus animalium* (Aristóteles, 1983).

Também se afirma que Galeno foi quem denominou a glândula de tireoides. Na obra de Galeno não há referência à glândula. Galeno descreveu

* Publicado em *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia*, 48 (3), pp. 432-434, 2005.

somente a cartilagem que recobre a laringe, a que denominou *kóndros thyreoidés* (de *thyreós*, escudo, e *eidés*, semelhante a), mas não a glândula (Durling, 1993, p. 181).

Assim descreve Galeno a cartilagem: “Quando se afastam os músculos que vão da laringe ao esterno, vê-se claramente que aí há uma grande cartilagem cuja forma é semelhante a de um escudo na parte anterior” (Galeno, 1991, p. 903).

Teria Galeno comparado a cartilagem a um escudo, não tanto pela sua forma, mas por sua função protetora, resguardando a laringe?

Os gregos usavam mais de um tipo de escudo e o tipo que deve ter inspirado Galeno na descrição da cartilagem é de um escudo longo denominado *thyreós*.

A palavra *thyreós* é bem antiga na língua grega e é encontrada na narrativa da *Odisseia*, de Homero (1998, pp. 332 e 338), para nomear uma grossa laje de pedra que o ciclope Polifemo usava como porta para impedir a entrada em sua caverna.

No *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*, de Chantraine, não há uma entrada especial para *thyreós*, que só aparece no verbete *thýra* como um de seus derivados. *Thýra* designa porta de casa, batente de porta. O plural de *thýra*, *thyrai*, é uma porta de dois batentes, ou seja, com duas folhas. Para as portas das muralhas que cercavam as cidades, os gregos tinham outro nome: *pýle*, *pylai* (Marcovecchio, 1993; Chantraine, 1984, p. 446).

Deduz-se que o escudo longo usado pelos gregos recebeu o nome de *thyreós* pelo seu formato semelhante a uma porta. Skinner observa que este tipo de escudo recobria a frente do soldado, do pescoço aos tornozelos e, possivelmente, o nome que lhe foi dado se deve ao primitivo costume de utilizar uma porta como escudo (Skinner, 1961, p. 404).

Embora Vesalius tenha dissecado e identificado a glândula, a denominação de tiroide se deve a Warthon, quem a descreveu em 1646, grafando *thyroide* e não *thyreotide* em seu livro *Adenographia*, escrito em latim. Aparentemente, assim a chamou por sua localização topográfica junto à cartilagem descrita por Galeno (*ad latera cartilaginum thyroidis*) e não pela sua forma (Becker, 1968, pp. 314-329). O nome de batismo da glândula, portanto, foi escrito com a raiz *thyro-* e não *thyreo-*. A figura na abertura do texto, do livro de Idel Becker, é a reprodução fac-similar do trecho da

Adenographia, edição de 1699, no qual se vê, assinaladas as palavras com a raiz *thyro-*.

Vemos que há uma estreita conexão entre *thyreós*, escudo, e *thýra*, porta. Certamente por esta razão, o *Webster Dictionary* (1966) dá a seguinte etimologia para tiroide: “Thyroid, from greek *thyreoeides*, shaped like a shield, from *thyreós*, shield shaped like a door (from *thyra*, door)”.

O dicionário da Real Academia Española (1970) é mais incisivo ao vincular o nome da glândula à *thyra*, porta: “Tiroides – do gr. *Thyroeides*, semelhante a una porta”.

Em latim, um dos primeiros registros se encontra no *Lexicum Medicum*, de Blancard (1718, p. 321). Nele se lê: “Thyroidae glandulae sunt numero duae. [...] *Thyroides* est scutiformis cartilago larynges. Ex tireós, janua, scutum e eidos, forma”. Vê-se que, mesmo derivando o nome da glândula do gr. *thyreós*, este autor adota em latim a forma *thyro-* (sem o *e*).

Os dicionários da língua portuguesa do século XIX (Constâncio, 1845; Faria, 1856; Lacerda, 1874; Domingos Vieira, 1874; Caldas-Aulete, 1881) averbam *thyroide*, *thyroideo*, *thyroidea*, tanto para a glândula como para a cartilagem, embora derivem a raiz *thyro-* do gr. *thyreós*, escudo. Faz exceção o dicionário de Caldas-Aulete que deriva *thyro-* do gr. *thýra*, porta, tanto para a cartilagem como para a glândula.

A partir do léxico de Cândido de Figueiredo, de 1899, começa a prosperar a forma *thyreo-*, simplificada posteriormente para *tireo-* em razão da reforma ortográfica.

Talvez por influência dos dicionários franceses com a assinatura de Littré, que exerceram grande influência na terminologia médica usada em vários países, inclusive no Brasil, os médicos brasileiros passaram a adotar a forma *tíreo-*.

Ramiz Galvão, em 1909, em seu *Vocabulário Etymologico, Ortographico e Prosodico das Palavras Portuguesas Derivadas da Língua Grega*, averba *thyreoides* e assinala: “Os livros e os léxicos antigos davam *thyroide*; mas já Littré advertiu com acerto que isso se deve corrigir”.

Littré e Robin, na 13ª edição de seu *Dictionnaire de médecine, de chirurgie, de pharmacie, de l'art vétérinaire et des sciences qui s'y rapportent*, de 1873, escrevem: “Thyreöide. De *thyreós*, bouclier, et eides, ressemblance. On écrit ordinairement *thyroïde*, mais *thyroïde* viendrait de *thyra*, porte”.

A lição de Littré e seus seguidores teve maior repercussão em nosso país do que na própria França. Bloch e Wartburg (1986), que também atribuem a forma *thyroïde* a um erro de transcrição, consideram-na vitoriosa, como se deduz do seguinte trecho. “*Thyroïde. Empr. du grec thyroëides, qui a la forme d’une porte: pris par confusion par suite d’une faute de copiste dans Oribase, à la place de thyroëides, qui a la forme d’un bouclier. Littré a essayé, mais vainement de rectifier le mot fr. en thyreoïde*”.

No Brasil, ao contrário, a forma *tireo-* encontrou muitos adeptos.

Em 1930, a Academia Brasileira de Letras designou uma comissão para elaborar o seu dicionário da língua portuguesa. Na sessão de 24 de abril de 1930 a comissão aprovou o parecer de Medeiros e Albuquerque, propondo a grafia *tiroide* (Ribeiro, 1942, pp. 245-249).

A decisão da comissão foi contraditada por ilustres médicos da época, dentre os quais cumpre destacar, por seus conhecimentos linguísticos, além de Ramiz Galvão, Pedro Pinto e Mangabeira-Albernaz.

São de Pedro Pinto (1938) as seguintes palavras: “Foi usual a forma errada *tiroide*, hoje mais ou menos em abandono”. Mangabeira-Albernaz (1944, pp. 9-20), em trabalho extenso e erudito, procurou demonstrar as falhas da argumentação de Medeiros e Albuquerque (que não era médico), e interroga: “Por que haveremos de dizer *tiroide*, vocábulo errado, somente porque o fazem franceses, ingleses e espanhóis?”.

Desde então, ambas as formas vêm sendo utilizadas e são aceitas pelo *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, da Academia Brasileira de Letras (1999).

A *Nomina Anatomica*, que é redigida em latim e tem validade internacional, nas suas primeiras edições usou a raiz *thyreo-*. A partir da edição de 1960 (*Nomina de Nova York*) mudou para *thyro-* (Becker, *op. cit.*), que foi mantida até a edição mais recente, publicada em 1998 com o título de *Terminologia Anatomica* (Federative Committee on Anatomical Terminology, 1998, p. 74). Apesar disso, na tradução oficial para a língua portuguesa, a raiz *thyro-* foi mudada para *tireo-* pela Comissão de Terminologia da Sociedade Brasileira de Anatomia (2001, p. 90).

Pesquisando em bases de dados do programa Lilacs da Bireme, encontramos 258 artigos com o nome da glândula no título, sendo que em 62 os autores usaram a forma *tiroide* e 196 *tireoide*. Em espanhol, em que a glândula

se denomina *tiroides* (com s no final da palavra) há 302 artigos indexados, todos com a raiz *tiro-* e nenhum com a raiz *tireo-*. Atribuímos o predomínio da forma *tireoide* em língua portuguesa ao fato de ter sido esta forma oficialmente adotada nos Descritores em Ciências da Saúde da Bireme.

Em face de quanto foi exposto neste comentário, parece-nos que se pode defender, do ponto de vista histórico-filológico, ambas as formas, considerando o vínculo existente entre *thyreós*, escudo, e *thýra*, porta. Em outros idiomas (inglês, francês, espanhol, italiano) prevalece a raiz *thyro-*. Em alemão, em que a glândula tiroide é chamada *schilddrüse*, de *schild*, escudo, e *drüse*, glândula, usa-se de preferência *thyreo-*. Contudo, modernamente já se emprega a raiz *thyro-* para designar a própria glândula (*thyroidea*) e em alguns cognatos como *thyroxin*, *thyronin*, *thyrogen*, *thyroidektomie*, *thyroideus* (Zetkin e Schaldach, 1992).

Seria desejável a opção por *tiro-* também em português, em benefício da uniformidade internacional da terminologia científica.

Referências Bibliográficas

- ACADEMIA BRASILEIRA de LETRAS. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, 3ª ed. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1999.
- ARISTÓTELES. *Parts of Animals*. The Loeb Classical Library, Cambridge, Harvard University Press, 1983.
- BAILLY, A. *Dictionnaire grec-français*, 16ª ed. Paris, Lib. Hachette, 1950.
- BECKER, I. *Nomenclatura Biomédica no Idioma Português do Brasil*. São Paulo, Liv. Nobel, 1968.
- BIREME. Disponível em <http://bases.bireme.br>, acesso em 10/12/2005.
- BLANCARD, S. *Lexicon medicum graeco-latino-germanicum*, 5ª ed., Hallae Magdeburgicae, 1718.
- BLOCH, O. & WARTBURG, W. VON *Dictionnaire étymologique de la langue française*, 7ª ed. Paris, Presses Universitaires de France, 1986.
- CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque: Histoire des mots*. Paris, Ed. Klincksieck, 1984.
- DURLING, R. J. *A Dictionary of Medical Terms in Galen*. Leiden, E. J. Brill, 1993.
- FEDERATIVE COMMITTEE ON ANATOMICAL TERMINOLOGY. *Terminologia Anatomica*. Stuttgart, Georg Thieme Verlag, 1998.

- GALENO, C. *Procedimenti Anatomici*. Libro XI.1, Milano, Biblioteca Universale Rizzoli, 1991.
- GALVÃO, B. F. R. *Vocabulário Etymologico, Ortographico e Prosodico das Palavras Portuguesas Derivadas da Língua Grega*. Rio de Janeiro, Liv. Francisco Alves, 1909.
- HOMERO. *Odyssea*. The Loeb Classical Library, vol. 1, Cambridge Harvard University Press, 1998.
- LIDDELL, H. G. & SCOTT, R. *A Greek-English Lexicon*, 9^a ed., Oxford, Clarendon Press, 1983.
- LITTRÉ, E. & ROBIN, C. *Dictionnaire de médecine, de chirurgie, de pharmacie, de l'art vétérinaire et des sciences qui s'y rapportent*, 13^a .ed. Paris, Baillièere et Fils, 1873.
- MANGABEIRA-ALBERNAZ, P. *Questões de Linguagem Médica*. Rio de Janeiro, Liv. Atheneu, 1944.
- MARCOVECCHIO, E. *Dizionario Etimologico Storico dei Termini Medici*. Firenze, Ed. Festina Lente, 1993.
- PINTO, P. A. *Dicionário de Termos Médicos*, 2^a ed. Rio de Janeiro, 1938.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la Lengua Española*, 19^a ed. Madrid, 1970.
- RIBEIRO, L. “Vocabulário Médico”. *Folha Médica*, 21, pp. 245-249, 1942.
- SKINNER, H. A. *The Origin of Medical Terms*, 2^a ed. Baltimore, Williams, Wilkins, 1961.
- SOCIEDADE BRASILEIRA de ANATOMIA. *Terminologia Anatômica*. São Paulo, Manole, 2001.
- WEBSTER'S THIRD NEW INTERNATIONAL DICTIONARY. Chicago, Enciclopedia Britanica Inc., 1966.
- ZETKIN, M. & SCHALDACH, H. *Wörterbuch der Medizin*. Berlin, Ullstein Mosby, 1992.